

## Da anarquia universitária até a anarquia geral

Com considerável atraso, 19 reitores de universidades brasileiras manifestaram à ministra da Educação suas preocupações com a deterioração do clima imperante nas instituições universitárias, caracterizado por invasões, boicotes de pagamento, total desrespeito às autoridades legitimamente constituídas, a lembrar a preparação do chientit de 1968. Declarando-se em reunião permanente, os mencionados reitores resolveram falar francamente, o que já deviam, aliás, ter feito há muito tempo. Pois, se é verdade que a situação se vem agravando dia a dia, nem por isso ela é nova, como o mostra o simples fato de termos dela tratado muitas e muitas vezes. Agora, finalmente, os reitores revelam seus receios com relação aos perigos resultantes do comportamento dos governadores do Rio de Janeiro e de São Paulo, o caudilho Brizola, patrocinador do assim chamado "socialismo moreno", e o "participacionista" Montoro, chefe do governo amorfo que se intitula democrático, comportamento esse absolutamente incompatível com o mínimo que se espera de quem foi investido de uma autoridade e que tem, portanto, o dever de honrá-la e de mantê-la.

Como amostra desse comportamento, assinalam os reitores dois fatos: em primeiro lugar, o decreto do "governador de minchura" que, violando lei complementar da Constituição, determina a realização de eleições diretas para a reitoria da UERH - decreto contra cuja constitucionalidade o procurador-geral da República já tomou as providências iniciais, embora tarde em agir do mesmo modo em relação a lei universitária inconstitucional em vigência na "República de Taubaté". Em segundo lugar, referem-se ao fato de o "democrata participativo" paulista impedir que a Força Pública desse garantia ao cumprimento de mandato judicial na Universidade Federal de São Carlos.

A manifestação dos reitores

leva-nos a tecer duas ordens de considerações. A primeira independe dos srs. Montoro e Brizola, dois promotores da anarquia; o primeiro por tibieza, incompetência ou estreiteza e fragilidade de percepção dos fatos políticos, o segundo por vocação, gosto e cálculo, mas ambos por demagogia. Realmente, a deterioração das universidades, muito mais uma agonia do que uma crise espiritual, como já tivemos oportunidade de dizer, deita suas raízes no interior dessas instituições. O grevismo irresponsável, seja das associações de docentes, seja de estudantes ou de funcionários, a generalização da violência caracterizada pela ocupação de prédios, por piquetes de greve, a ideologização e a chamada "democratização da universidade", que é também um clichê ideológico, destinado, pelos seus promotores conscientes (que não se confundem, propriamente, com a "massa universitária"), a liquidar com a instituição, para substituí-la, no futuro, por um Ersatz totalitário - tudo isso vem crescendo, em sucessivas metástases, no interior do próprio organismo universitário, sem que se saiba se a doença ainda pode ser detida. Os dois governadores em questão não iniciaram, portanto, o processo degenerativo que, aliás, se instalou há anos nas nossas universidades, no mínimo desde os tempos de João Goulart e Darcy Ribeiro - o cunhado e o hoje vice-cacique do caudilho Brizola.

Entretanto, e é essa a segunda ordem de considerações a fazer, não há a menor dúvida de que o comportamento dos governadores do Rio de Janeiro e de São Paulo é - ainda mais no quadro terrível de dificuldades em que o País vive - extremamente propício à multiplicação, em velocidade acelerada, das células doentes do organismo universitário. Trata-se de dois governadores que, seja quando agem, seja quando não agem, estimulam a anarquia e a desestabilização das instituições, como

que a levar para toda a sociedade aquilo que já vinha acontecendo nas universidades e que obviamente, nestas, continua a verificar-se aceleradamente.

Assaltos a supermercados, promoção da insegurança dos cidadãos e do comércio, depredação e invasões da propriedade pública, todos esses fatos, que passam a integrar a rotina do Rio de Janeiro e de São Paulo, ou merecem o aplauso funesto dos que deviam zelar pela manutenção da ordem (vide os casos dos "desempregados" do Ibirapuera e a estranha conduta da Secretaria da Família e do Bem-Estar Social) ou a condenável abstenção deles ou ainda, na melhor das hipóteses, uma desaprovação envergonhada de quem foi e é, de algum modo, conivente com a demagogia do "participacionismo" montoriano ou do socialismo brizolista. É claro que esse clima de degenerescência generalizada, em que tudo é permitido e em que a delinquência se torna uma banalidade de todos os instantes, está incidindo sobre a vida universitária e apressando-lhe a agonia - e por isso têm razão de preocupar-se os reitores como o esdrúxulo comportamento dos governadores dos Estados-chave da Federação.

Mas esse comportamento, como estamos vendo, afeta a sociedade toda e não apenas as universidades, já vilipendiadas por grileiros assaltantes e ocupadas por autênticos "desempregados" do espírito, como que a mostrar, desgraçadamente neste caso, seu infeliz "pioneirismo". Da agonia das universidades talvez caminhemos para o colapso das nossas instituições sociais. Terá a autoridade (?), da qual os governadores do Rio de Janeiro e de São Paulo são os representantes mais em evidência, a percepção exata do que se está fazendo? Não desconfiam esses governadores de que eles próprios, como aprendizes de feiteiro, acabaram engolidos e triturados pelos acontecimentos que provocam, estimulam ou contra os quais não têm coragem de reagir?

(Transcrito do O Estado de S. Paulo)

## Sem recursos, agrava-se